



ENSINO DE GEOGRAFIA E PAISAGEM NOS ANOS INICIAIS, NA PERSPECTIVA DO CURRÍCULO DE TERESINA

Francisca Djalma Pereira Rodrigues e Silva¹

RESUMO

A Geografia é um componente curricular que pode contribuir de maneira substancial para a formação cidadã dos educandos. Nesse sentido, este artigo propõe uma discussão acerca da importância do ensino de Geografia nos Anos iniciais do Ensino Fundamental, no sentido de contribuir para que os indivíduos façam a leitura do mundo no qual estão inseridos. Ler e interpretar o mundo pressupõe a elaboração e implementação de currículos que contribuam para a organização de um ambiente escolar comprometido com a formação cidadã. Assim, partindo da premissa de que o estímulo ao desenvolvimento do pensamento geográfico, deve permear toda a vida escolar dos educandos, tenciona-se aqui, compreender a importância do ensino de Geografia e do conceito de paisagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, destacando as concepções de ensino e de geografia, presentes no Currículo de Geografia do município de Teresina-Piauí. Trata-se de uma pesquisa, cujo procedimento metodológico contou com uma pesquisa bibliográfica e documental, onde foi analisado o Currículo de Geografia de Teresina, além de autores que perpassam pelo campo das discussões sobre currículo e ensino de geografia nos Anos Iniciais. Os resultados do estudo, apontam que o Currículo de Geografia de Teresina trata-se de um documento bem elaborado, coadunado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde apresenta-se práticas educacionais em que a Geografia possa contribuir de maneira significativa, para a formação integral dos estudantes. Entretanto, observa-se lacunas, no sentido de discutir mais efetivamente, a formação continuada de professores no âmbito do Ensino de Geografia nos Anos Iniciais.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Currículo de Teresina, Anos iniciais, Paisagem.

RESUMEN

La geografía es un componente curricular que puede contribuir sustancialmente a la educación cívica de los estudiantes. En este sentido, este artículo propone una discusión sobre la importancia de la enseñanza de la geografía en los primeros años de la escuela primaria, con el fin de ayudar a las personas a leer el mundo en que viven. Leer e interpretar el mundo presupone el desarrollo e implementación de planes de estudio que contribuyan a la organización de un ambiente escolar comprometido con la educación cívica. Así, partiendo de la premisa de que el estímulo al desarrollo del pensamiento geográfico debe permear toda la vida escolar de los estudiantes, se pretende aquí comprender la importancia de la enseñanza de la geografía y el concepto de paisaje en los primeros años de la Educación Primaria, destacando las concepciones de la docencia y la geografía, presentes en el currículo de geografía del municipio de Teresina-Piauí. Se trata de una investigación, cuyo procedimiento metodológico incluyó una investigación bibliográfica y documental, donde se analizó el Currículo de Geografía de Teresina, así como los autores que impregnan el campo de las discusiones sobre currículo y enseñanza de la geografía en la Primera Infancia. Los resultados del estudio indican que el Currículo de Geografía de Teresina es un documento bien diseñado, consistente con la Base Curricular Nacional Comum (BNCC), que presenta prácticas educativas en las que la geografía puede contribuir significativamente a la formación integral de los estudiantes. Sin embargo, existen lagunas en el sentido de discutir con mayor eficacia la formación continua de los docentes en el ámbito de la enseñanza de la geografía en la primera infancia.

¹ Professora dos anos iniciais da Secretaria Municipal de Educação-SEMEC/Teresina-Piauí; Professora de Geografia da Secretaria Estadual da Educação- SEDUC/ Piauí; Mestranda em Geografia/PPGGEO/UFPI e integrante do GEODOC/UFPI/CNPq. E-mail: prof Francisca.43@gmail.com



Palabras clave: Enseñanza de geografía, Currículo de Teresina, Educación infantil, Paisaje.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de uma discussão teórica acerca do ensino de Geografia e do conceito de paisagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no intuito de estabelecer relações entre o ensino deste componente curricular e as possibilidades de leitura do mundo pelas crianças, nessa fase escolar.

Autores do campo do ensino de Geografia, vêm debatendo a importância do ensino deste componente curricular nos Anos Iniciais. Callai (2005) aponta que a Geografia é um componente curricular de fundamental importância para que os educandos façam a leitura do mundo no qual estão inseridos. Ler e interpretar o mundo pressupõe a elaboração e implementação de currículos que contribuam para a organização de um ambiente escolar comprometido com a formação cidadã.

Nesse sentido, o estímulo ao desenvolvimento do pensamento geográfico, deve permear toda a vida escolar dos educandos, desde os anos iniciais ao Ensino Médio. Assim, este artigo objetiva compreender a importância do ensino de Geografia e do conceito de paisagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com destaque para as concepções de ensino e de Geografia presentes no Currículo de Geografia no município de Teresina/Piauí.

Nessa perspectiva, este estudo justifica-se pela relevância em discutir o ensino de Geografia e o conceito de paisagem, nos anos iniciais, posto que, este é um conceito geográfico vivenciado cotidianamente pelos alunos, representando uma possibilidade de leitura do mundo e entendimento de que as paisagens resultam das ações humanas em sociedade.

O texto discute a organização do currículo de Geografia de Teresina, enfatizando a maneira como estão organizados os conteúdos, notadamente os relacionados ao conceito de paisagem. O procedimento metodológico contou com uma revisão bibliográfica, onde foram analisados autores que tratam sobre currículo e ensino de Geografia, servindo como aporte teórico, para as discussões acerca da organização curricular do ensino de Geografia nos Anos Iniciais da Rede Municipal de Ensino de Teresina, tais como: Silva (2005), Callai (2001; 2005; 2017), Castrogiovanni (2017), Lopes (2018), dentre outros. Em seguida, foi realizada a análise do Currículo de Geografia de Teresina, dando ênfase às concepções de ensino e de Geografia presentes no documento.

Os resultados iniciais da pesquisa apontam para um documento bem elaborado, onde discute-se ações condizentes com práticas educativas em que a Geografia possa



contribuir de maneira significativa para a formação integral dos estudantes, onde estes possam pensar criticamente acerca do mundo em que estão inseridos. Alguns pontos do documento poderiam ser melhor discutidos. A exemplo, a formação continuada dos professores, o que indiscutivelmente, seria basilar para uma educação que, de fato, atenda aos anseios da sociedade.

ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: UM PASSO PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Conforme posto na introdução do texto, a Geografia é um componente curricular de fundamental importância para a formação cidadã dos indivíduos. Em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo de todas as etapas e modalidades da Educação Básica, assegurando a partir do desenvolvimento de dez competências gerais², os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos.

Na perspectiva da BNCC (2017), as competências gerais inter-relacionam-se e desdobram-se, no tocante às propostas didáticas para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se no sentido de construir conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores.

Conforme já foi mencionado, a BNCC (2017) define dez competências gerais da Educação Básica. Entretanto, para sustentar as discussões aqui apresentadas, nos deteremos à competência número seis, posto que esta, explicita a importância da formação cidadã dos indivíduos.

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BNCC, 2017, p.10)

A sociedade atual demanda por cidadãos capazes de compreender os processos que nela ocorrem. Nesse sentido a BNCC, ao propor a valorização dos saberes e vivências dos alunos, constitui-se em importante instrumento, na perspectiva da formação cidadã dos

² Na BNCC (2017), competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.



indivíduos. A Geografia apresenta um potencial significativo para proporcionar essa formação cidadã. Este componente, na perspectiva de Straforini (2018), possibilita “leituras Reflexivas e críticas do mundo”, sendo capaz de formar o cidadão crítico-transformador (STRAFORINI, 2018, p.177). No entanto, para que isso ocorra é necessário que haja mudanças na forma de ensinar. Ainda é realidade nas escolas o ensino de uma Geografia conteudista, mnemônica e baseada em aspectos da pedagogia tradicional.

Para Giroto (2015), a Geografia que é ensinada aos educandos vai de encontro ao que defende a BNCC, na medida em que, não considera as experiências dos sujeitos, distanciando-os dos conhecimentos geográficos sistematizados e ensinado nas escolas. Citando Lacoste (1993), o autor aponta que essa é a única disciplina que parece não ter aplicação prática fora do sistema de ensino. Assim, percebe-se a necessidade de romper com modelos de ensino arraigados, ainda baseados em práticas tradicionais de ensino, bem como, a adoção de modelos de ensino pautados em currículos, voltados para uma educação emancipatória dos sujeitos.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a Geografia pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento espacial das crianças. Nessa fase, na perspectiva de Callai (2005.), o papel da Geografia é contribuir para que as crianças aprendam a pensar o espaço. E, para isso é necessário aprender a ler o espaço. Nesse sentido, observamos a necessidade de considerar o espaço vivido, as experiências cotidianas das crianças, para que estas sejam alfabetizadas geograficamente. Entretanto, ensinar Geografia nos anos iniciais pressupõe, além de práticas pedagógicas inovadoras, uma tomada de decisões do professor sobre o que ensinar e como ensinar Geografia.

ENSINO DE GEOGRAFIA E CONCEITO DE PAISAGEM NOS ANOS INICIAIS

O mundo atual passa por intensas transformações econômicas, espaciais e sociais. Nesse contexto, essas mudanças devem ser acompanhadas pelo campo educacional, no sentido de que seja capaz de formar cidadãos na perspectiva da cidadania. Assim, estas transformações devem ser compreendidas pelos indivíduos a partir de uma leitura crítica da realidade. A Geografia por apresentar-se como um componente curricular capaz de possibilitar o entendimento desses processos, também deve passar por transformações, no sentido de ressignificar o seu papel na Educação Básica, contribuindo para que os educandos aprendam a ler o mundo, no qual estão inseridos.

Nessa perspectiva, Straforini (2018) assevera que as pesquisas realizadas nas últimas



décadas no âmbito do ensino de Geografia, vem mostrando avanços teórico-metodológicos que apontam para a possibilidade de ressignificação dessa disciplina escolar.

Os avanços teórico-metodológicos que as pesquisas na área de Ensino de Geografia vêm apresentando nas últimas duas décadas tem lhe possibilitado construir novos sentidos para essa disciplina escolar. Isso não significa, no entanto, a completa substituição da defesa de um conhecimento escolar que seja capaz de dotar os estudantes de ferramentas intelectuais potentes para uma leitura reflexiva e cidadã do mundo contemporâneo, mas sim, defender que esse objetivo maior³ só é possível quando se valorizam nas práticas pedagógicas e curriculares os seus próprios conhecimentos e metodologias de ensino, para que, os alunos munidos deles possam produzir em suas cotidianidades práticas espaciais de significação reflexiva e cidadã do mundo. (STRAFORINI, 2018, p. 176).

Nessa perspectiva, Callai (2005) assevera que a leitura de mundo é de fundamental importância para que possamos exercitar a cidadania⁴. Para a autora, uma forma de fazer a leitura do mundo é através da leitura do espaço, com todas as marcas da vida do homem. Na perspectiva da autora, fazer a leitura do mundo, vai muito além da leitura cartográfica.

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa. É Fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos), (CALLAI, 2005, p.228).

Mediante o exposto, observamos a importância do ensino de Geografia, no sentido de que, esta representa uma possibilidade de entendimento do mundo, onde os indivíduos possam perceber-se como integrantes do mesmo. Outro ponto a destacar é que ao compreender e perceber-se como atores desse mundo, os indivíduos podem nele atuar, no sentido de resolver as demandas da complexa sociedade atual.

Debatendo sobre como ler o mundo da vida, Callai (2005) propõe que, para tanto, deve-se considerar o espaço vivido pelo aluno, posto que “ é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando feição ao lugar”. (CALLAI, 2005, p. 235). Pedagogicamente, Callai aborda a necessidade de um diálogo contínuo entre aqueles que se interpenetram na produção e configuração do espaço, (professor, colegas, pessoal da escola, família, pessoas do convívio, com o espaço, com a natureza e com a sociedade).

³ Para o autor, o objetivo maior do Ensino de Geografia é possibilitar a “leitura reflexiva e cidadã do mundo contemporâneo”.

⁴ A construção da cidadania para Callai (2018), depende do sentimento de pertencimento ao lugar em que se vive, que a pessoa se reconheça como sujeito integrante de uma realidade, sendo parte de uma história e de um espaço construído pela vida dos homens.



Assim, refletindo sobre as ideias de Callai (2005), observa-se a necessidade de refletir sobre a importância em articular teoria e prática, onde os conteúdos dialoguem com a vivência do aluno. Ao professor caberia uma reflexão acerca das vivências desses educandos, para a partir daí, planejar situações de aprendizagem em que os educandos protagonizem a construção do seu conhecimento.

Ainda na perspectiva de Callai (2005), o desenvolvimento de habilidades como saber ouvir, falar, observar, analisar e compreender podem ser desenvolvidas desde a educação infantil, sendo imprescindíveis para fazer a leitura do mundo, partindo da vivência concreta do educando.

Ao partir da vivência concreta, busca-se a ampliação do espaço da criança com a aprendizagem da leitura desses espaços e, como recurso, desenvolve-se a capacidade de “aprender a pensar o espaço”, desenvolvendo raciocínios geográficos, incorporando habilidades e construindo conceitos. (CALLAI, 2005, p.236).

Mediante as discussões apresentadas, observa-se a relevância do ensino de Geografia no sentido de realizar a leitura dos espaços vivenciados cotidianamente pelos educandos e na perspectiva da cidadania. Callai (2005) aponta que “uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado pode ser realizando a leitura da paisagem”. (CALLAI, 2005, p. 238). Neste sentido, a paisagem apresenta-se como uma das possibilidades de ler o mundo da vida.

O CONCEITO DE PAISAGEM NOS ANOS INICIAIS: PARA ALÉM DA VISÃO, UM SIGNIFICADO

O conceito de paisagem considerado por muitos estudiosos como polissêmico e de caráter multidisciplinar, ao longo da história vem sendo debatido sob várias abordagens e perspectivas. Para Santos (2014), “paisagem é tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 2014, p.67-68).

Para Santos (2014), a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Nessa perspectiva, a paisagem é o que podemos perceber através dos nossos sentidos. É o que podemos ver, ouvir, sentir o cheiro. O autor concebe a percepção como um processo seletivo da apreensão da realidade. assim, destaca que:



Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; desse modo, a visão-pelo homem- das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência. (SANTOS, 2014, p.).

As considerações de Santos acerca da paisagem nos leva a refletir sobre a relação entre paisagem e aquele que a observa. A paisagem sendo única, ao percebê-la de forma diferenciada, o indivíduo estará imprimindo, nesta, suas experiências e vivências que também são individuais. O autor, ainda nos instiga a refletir sobre a importância de buscar o significado da paisagem, posto que, o fato de percebê-la, não implica o conhecimento da mesma. Assim, devemos buscar a interpretação, a essência da paisagem, ir além da sua aparência.

Dialogando com Lapparent, Besse (2014), aponta que:

O visível conta algo, uma história, ele é a manifestação de uma realidade da qual ele é, por assim dizer, a superfície. A paisagem é um signo, um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a decifrar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia é então que há de se ler a paisagem. (BESSE, 2014, p. 63-64).

Besse não nega o aspecto visível da paisagem, mas propõe que este, sempre revela algo que deve ser interpretado. Daí a ideia de se ler a paisagem⁵.

Sobre a paisagem, Callai (2005) considera que esta, mostra a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe, bem como, a forma como utiliza esses recursos. A autora destaca que os indivíduos ao lê as paisagens seleciona o que observa. Nesse sentido as paisagens são verdades construídas, enraizadas nas histórias das pessoas que ali vivem. Acerca da leitura da paisagem a autora destaca que:

Fazer a leitura da paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a História das pessoas que ali vivem. O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali...descrever e analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal "retrato" nos permite. Os objetos, as construções, expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e subjetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores e de sentimentos. (CALLAI, 2005, p. 239).

Diante do exposto, observa-se a necessidade de compreender as paisagens como uma das possibilidades de ler o mundo da vida. Nesse sentido, Callai (2005) assevera que a leitura do mundo é fundamental para o exercício da cidadania. Para ela, uma forma de fazer a leitura

⁵ Ler a paisagem é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias.



do mundo é por meio da leitura do espaço, pois “ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultados da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades”. (CALLAI, 2005, p.228-229).

Sendo a paisagem uma das possibilidades de os indivíduos realizarem a leitura do mundo em que estão inseridos e sendo a construção desse conceito um instrumento de compreensão do espaço geográfico em todas as suas dimensões e contradições, torna-se relevante que o ensino desse conceito, ocorra em todas as fases escolares. Entretanto, autores do campo do ensino de Geografia defendem que nos Anos Iniciais, para a aprendizagem do conceito de paisagem é necessário considerar a vivência cotidiana dos alunos. Considerar as experiências dos indivíduos é o caminho para a construção do conhecimento que levará ao reconhecimento do “eu” no mundo. Cavalcanti (2002) afirma que, “ao realizarem suas tarefas diárias alunos e professores constroem geografia, delimitam territórios, formando espacialidades em seu mundo vivido”. (CAVALCANTI, 2002, p. 33).

Na perspectiva de Straforini (2008), O ensino de Geografia para crianças pode representar uma possibilidade de formar cidadãos críticos. O autor, defende que, nessa fase, o ensino tem características próprias no fazer pedagógico, e que nessa etapa privilegiam-se as teorias educacionais, em detrimento das geográficas, levando a uma visão distorcida dos conceitos geográficos. Para que isso não ocorra, o autor propõe um ensino de Geografia que parta da realidade para a totalidade.

Conforme foi asseverado pelos autores mencionados, o ensino de geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve considerar a realidade, a vivência dos alunos. Nesse contexto, o conceito de paisagem por ser vivenciado cotidianamente pelos educandos, representa uma possibilidade de compreensão das transformações socioespaciais. Nessa perspectiva, Callai (2013), explica que:

A paisagem que é estudada na escola é aquela que é visível e que está próxima e, neste sentido, a vigilância que se deve ter é a de que o lugar não se explica por si só, mas de qualquer destes lugares que mostram a paisagem que está próxima está inserido num contexto maior, que precisa ser considerado. (CALLAI, 2013, p. 44).

Nesse mesmo sentido, Callai (2013), enfatiza que um aspecto importante a ser considerado nos estudos sobre paisagem, numa perspectiva escolar, é estudá-la para além da aparência dos fenômenos, ou seja, para além dos aspectos visíveis da paisagem.



São muitas e variadas as paisagens que se pode estudar na escola e em qualquer uma das séries/anos de escolaridade da educação básica. Pode ser o pátio da escola, a rua, a cidade, o bairro. Nessa primeira seleção/escolha da paisagem, a escala deve ser considerada – uma paisagem próxima, de extensão reduzida e que pode ser observada na horizontalidade ou extensões mais amplas que exigem outras formas e instrumentos para a sua observação. (CALLAI, 2013, p. 48).

Diante dessas contribuições, reflete-se sobre o papel da Geografia nos anos iniciais, no sentido de que esse componente curricular possa proporcionar aos educandos o desenvolvimento de habilidades que permitam “aprender a pensar o espaço. Para Callai (2005), é necessário ler o espaço. A criança deve ser estimulada a conhecer o espaço geográfico em que vive, cabendo à escola proporcionar situações de aprendizagem onde as crianças percebam como a Geografia está presente no seu cotidiano.

Sobre o entendimento do conceito de paisagem pelas crianças, Pereira e Mascarenhas (2016), destacam que é necessário despertar o interesse pela paisagem, bem como, contextualizá-la com a realidade do aluno, visando a individualidade dos mesmos. As autoras apontam o desenho como possibilidade de entendimento do significado de paisagem para as crianças.

A contextualização com a realidade pode trazer uma clareza sobre a informação que é passada, com isso, o resultado que se espera, pode ser construído de maneira positiva. Cada criança tem em seu interior uma compreensão ao seu entender, sobre o mundo que a cerca. Para tanto, é necessário que se estimule o despertar da criança nas séries iniciais, quanto ao seu entendimento sobre paisagem. E buscar entender, através do desenho, que significado a paisagem assume no mundo da criança. (PEREIRA; MASCARENHAS, 2016, p.76).

CURRÍCULO DE GEOGRAFIA E ENSINO DO CONCEITO DE PAISAGEM NOS ANOS INICIAIS

Para tratarmos sobre currículo, é necessário fazermos uma breve conceituação sobre o mesmo. Silva, (2005), afirma que as primeiras escritas sobre currículo foram realizadas por Bobbitt, no livro *The curriculum*, em 1918, sendo a fábrica seu modelo institucional e tendo como inspiração teórica, a administração científica de Taylor. Nesse contexto, o currículo é uma especificação de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados mensuráveis, baseado em práticas burocráticas e ensino mecânico, pois era necessário traçar metas, objetivos, procedimentos e métodos, a fim de produzir resultados satisfatórios para servir à sociedade daquele momento histórico.

Para Silva (2005), a questão central das teorias do currículo é saber o que ensinar. Associada a esta questão está a pergunta, o que eles ou elas devem saber? Nesta perspectiva,



o currículo relaciona-se com poder, posto que decide o que ensinar e o que deve ser aprendido. Sobre conhecimento e currículo, Young (2007), diferencia “conhecimento dos poderosos” e “conhecimento poderoso”. Para o autor, o conhecimento poderoso, pode fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo.

A Geografia é um componente curricular que pode oferecer o conhecimento poderoso aos alunos. Uma escola que tenha esse pressuposto deve pensar um currículo cujo conteúdo a ser ensinado seja, comprometido com a formação crítico-cidadã dos indivíduos. Para Callai (2001), o mundo tem mudado rapidamente e isso pressupõe que as escolas também devem mudar. Estas devem pensar em currículos de Geografia capazes de instrumentalizar os alunos para que eles exerçam sua cidadania.

Na perspectiva, de compreender como estão previstos e organizados os conhecimentos geográficos a ser ensinado nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Teresina, realizamos a análise do currículo de Geografia desta Rede de Ensino, a fim de identificar as concepções de ensino e de Geografia presentes no documento com destaque para o conceito de paisagem, posto que, este pode contribuir, na perspectiva de Callai, para que os indivíduos aprendam a ler o mundo. Para a autora, “ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultados da vida em sociedade na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades”, (CALLAI, 2005, p. 228). Nesse sentido, fazer a leitura das paisagens é uma das formas de ler o mundo.

As Diretrizes Curriculares do Município de Teresina, aprovadas em 2008 e reformuladas em 2018, após a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), foram elaboradas, na perspectiva de Teresina (2018), com a participação de estudantes, professores, gestores, técnicos e sociedade. Coadunado à BNCC, o documento procurou adequar as proposições deste documento à realidade da Rede Municipal, bem como o contexto local e a realidade dos seus estudantes.

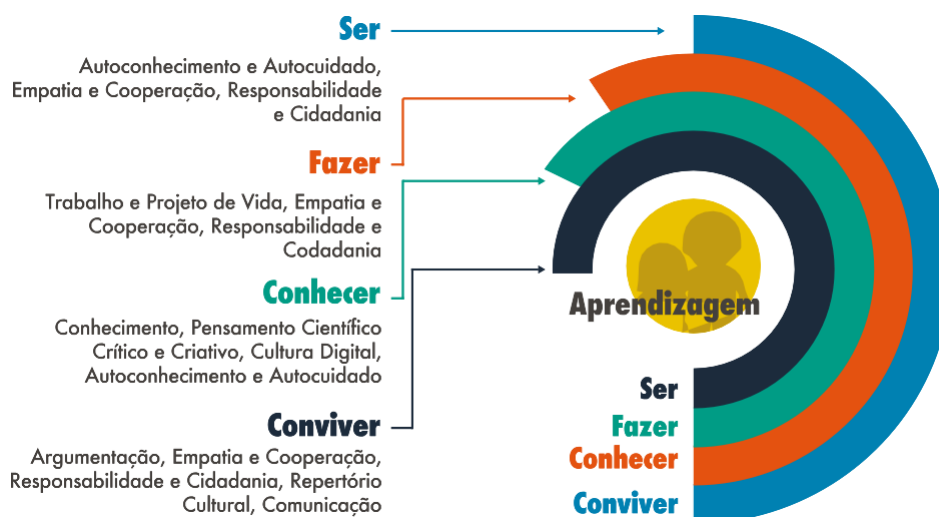
Pautado nas bases teóricas-metodológicas da Psicogênese da língua escrita de Emília Ferreira (1985), no construtivismo de Jean Piaget (2002), no socioconstrutivismo de Lev Vygotsky (1998) e na Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel (2003), o Currículo de Teresina organizou a escolaridade e o conhecimento do município de Teresina a serem desenvolvidos nos currículos escolares em nove anos de escolaridade, com eixo horizontal, integrados de conteúdos e procedimentos e num eixo vertical, a disposição de disciplinas, numa estrutura espiralada, evidenciando uma retomada de conteúdos em diferentes níveis de profundidade e complexidade.



O Currículo de Teresina está organizado em duas partes. A primeira é introdutória e comum a todas as disciplinas. A segunda parte é específica, onde cada componente, delinea os elementos que o compõe, os fundamentos de ensino, as unidades temáticas, os objetos do conhecimento, as habilidades com os respectivos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e orientações didáticas para a efetivação do currículo.

A matriz dos saberes presente no documento, está organizado em “Quatro Pilares da Educação” definidos pela UNESCO (2010). Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

Figura 1 – Composição da Matriz de Saberes do Currículo do Ensino Fundamental do Município de Teresina



Fonte: SEMEC, 2018

Esses “pilares” pressupõem o desenvolvimento de habilidades pelos alunos, de modo que, estejam preparados para resolver os problemas da vida cotidiana. Sobre isso, Callai diz, “se a formação do educando para ser um cidadão passa pela ideia de prepará-lo para “aprender a aprender”, para “saber fazer”, o papel da Geografia escolar tem a ver com a forma como irá abordar a realidade”. (CALLAI, 2001, p.137).

Na perspectiva de Teresina (2018), conforme demonstrado no quadro abaixo, esses pilares relacionam-se às competências e saberes, no sentido de oferecer uma formação integral dos indivíduos.



Quadro 1 – Relação entre os saberes, as competências e os pilares da educação

SABERES	COMPETÊNCIAS	PILARES
Conhecimento	Valorizar e aplicar os conhecimentos referentes ao mundo físico, social, cultural e digital, a fim de compreender e explicar a realidade, de modo a aprender e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	Conhecer
Pensamento científico, crítico e criativo	Desenvolver o raciocínio, a curiosidade intelectual, a análise crítica e a investigação científica, a fim de investigar causas, elaborar e testar hipóteses, criar e apresentar soluções aos problemas complexos de sustentabilidade.	Conhecer
Repertório cultural	Reconhecer e valorizar as diferentes manifestações artísticas e culturais, de modo a ampliar o conhecimento acerca da consciência multicultural, por meio da curiosidade e de experiências educativas.	Conviver
Comunicação	Utilizar diversas formas de linguagem a fim de promover a participação em práticas sociais por meio do multiletramento, de modo a expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, tendo, como suporte, diferentes plataformas e linguagens.	Conviver
Cultura Digital	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais, de forma crítica, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas, exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, sendo capaz de compreender o pensamento computacional e seus impactos na vida das pessoas e da sociedade.	Conhecer
Trabalho e Projeto de vida	Apropriar-se de conhecimentos e experiências, aprender a se organizar, estabelecer metas, planejar e buscar com determinação, esforço, autoconfiança e persistência seus projetos do momento e do futuro, com vistas a compreender o mundo do trabalho e saber fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e com responsabilidade.	Fazer
Argumentação	Construir argumentos e opiniões com posicionamento ético, saber debater, de forma respeitosa, os pontos de vista dos outros, tendo como referência os direitos humanos, a consciência socioambiental.	Conviver



Autoconhecimento e autocuidado	Respeitar a si mesmo, sendo capaz de identificar seus pontos fortes e fragilidades, lidar com suas emoções e manter a saúde física e o equilíbrio emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocritica e capacidade para lidar com elas, percebendo, nas suas ações, tais influências.	Ser
Empatia e cooperação	Desenvolver atitudes, como empatia e cooperação em relação ao outro, a fim de compreender, ser solidário, resolver conflitos, respeitando os interesses do outro, a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades.	Conviver
Responsabilidade e cidadania	Agir pessoal e coletivamente, de forma autônoma, com responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, a fim de tomar decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, com vistas a avaliar problemas, considerando desafios como valores conflitantes e interesses individuais.	Ser

Fonte: Adaptado da BNCC (BRASIL, 2017).

Em consonância com a BNCC, o currículo de Teresina, organiza-se em quatro áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ensino Religioso e Ciências Humanas. Dentre estas, nos deteremos às Ciências Humanas, visto que, esta se desdobra em História e Geografia, objeto desse estudo. O currículo de Teresina reconhece a importância do ensino de Geografia para que o educando seja capaz de compreender o mundo no qual está inserido e evidencia que na faixa etária correspondente ao Ensino Fundamental é importante o desenvolvimento da capacidade da leitura do mundo através das diferentes formas de percepção e de conhecimento do espaço geográfico.

Para a elaboração do documento foi utilizado como aporte teórico, autores que são referência no ensino de Geografia e que realizam uma discussão acerca de um ensino capaz de desenvolver o pensamento espacial dos educandos numa perspectiva crítico-cidadã, a partir dos conhecimentos geográficos a ser apreendido do cotidiano, do espaço vivido pelos educandos. Nesse sentido, observou-se que as concepções de ensino e de Geografia, apresentadas no documento são de uma educação transformadora, que considera as experiências vivenciadas pelos alunos com a possibilidade de uma formação crítico-cidadã dos sujeitos.

O documento considera que os conceitos estruturantes da Geografia como território,



paisagem, lugar, limites, fronteiras, dentre outros, constituem instrumentos fundamentais para a leitura geográfica. Na perspectiva do currículo de Teresina, ao utilizar os conceitos geográficos corretamente, os estudantes serão capazes de reconhecer as contradições socioespaciais, bem como, os fatores condicionantes desses processos e as implicações deles decorrentes. No tocante à paisagem, conceito que nos interessa nesse estudo, o documento cita Callai (2014) e Santos (1988) para discutir esse conceito, pois assume decisiva importância para a compreensão das dinâmicas que ocorrem no espaço geográfico.

Ao utilizar Santos (1988), para discutir paisagem, o documento evidencia pressupostos da Geografia crítica e de cunho dialético. Paisagem, considerado conceito estruturante pelo currículo de Teresina, pode representar uma maneira interessante para realizar a leitura do mundo. “A paisagem revela a realidade do espaço em um determinado momento do processo”, (CALLAI 2017, p. 82). A autora também argumenta que “cada um vê a paisagem a partir de sua visão, de seus interesses, de sua concepção”, (CALLAI, 2017, p.83). Observamos, nesse sentido, que para a autora, um dos fatores a ser considerado ao estudar paisagem é a subjetividade do aluno.

Para os anos iniciais, consta no Currículo de Teresina, que nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental a ação pedagógica deve focar na alfabetização dos alunos, a fim de garantir a apropriação das habilidades de leitura e da escrita. O documento não explicita o ensino de Geografia nessa fase, apenas, menciona que, “alfabetização enquanto processo escolar compreende ampliar a concepção da leitura para potencializar o entendimento a todos os objetos da vida”. (TERESINA, 2018, p. 75).


O documento ainda argumenta que “por analogia é coerente pensar numa alfabetização geográfica que leve a desenvolver habilidades para ler o mundo”. (TERESINA, 2018, p. 75). Lopes (2018), utilizando como aporte teórico, estudiosos do desenvolvimento infantil, como Lynch (2011), Frémon (1976), Piaget e Inhelder (1993), argumenta sobre o desenvolvimento do conhecimento espacial das crianças. Frémon (1976) defende que a noção de espaço vivido é um conceito chave para o desenvolvimento espacial das crianças. Piaget descreve que “a criança, inicialmente, percebe o espaço através do seu próprio corpo, ao entrar em contato com os objetos, utilizando os sentidos”(PIAGET E INHELDER, 1993, citado por (LOPES, 2018, p. 63-64). Nesse momento, o espaço para a criança é o de vivência.

Na transição do 1º ciclo escolar (1º e 2º anos) para o 2º ciclo (3º, 4º e 5º anos), o Currículo de Teresina argumenta que, há uma ampliação da autonomia intelectual do aluno que lhe possibilita lidar com sistemas amplos referentes às relações dos sujeitos entre si com o espaço, a história a cultura, as tecnologias e a natureza.



O Currículo de Teresina está organizado em cinco unidades temáticas, comuns a todos os anos de ensino: O sujeito e seu lugar no mundo, Conexões e escalas, Formas de representação e pensamento espacial, Divisão social e territorial do trabalho e Natureza: meio geográfico e qualidade de vida. Estas unidades temáticas estão dispostas em um quadro de habilidades, organizados por bimestre, desde o 1º ano até o 9º ano do Ensino Fundamental. Neste quadro, também estão explicitados os objetos de conhecimento, as habilidades e os objetivos de desenvolvimento sustentável, conforme o quadro abaixo:

Quadro 2 - Habilidades para o ensino de Geografia

3º ANO			
1º bimestre			
Unidades temáticas	Objetos do conhecimento	Habilidades	ODS
O sujeito e seu lugar no mundo	<ul style="list-style-type: none">Localização no mapa: bairro, Teresina e Piauí	(EF03GE01) Localizar seu bairro no mapa de Teresina, bem como o município no mapa do Piauí e o estado no mapa do Brasil.	
Conexões e escalas	<ul style="list-style-type: none">Paisagem e a transformação do meio geográfico	(EF03GE02) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e artificiais nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares.	
Formas de representação e pensamento espacial	<ul style="list-style-type: none">Relações topológicas (perto, longe, dentro, fora, ao lado, vizinho, não vizinho) e projetivas (direita, esquerda, embaixo, em cima)Representações cartográficas (imagem bidimensional, tridimensional e visões oblíqua e vertical)Elaboração de legenda	(EF03GE03) Representar os elementos do espaço geográfico de Teresina através de mapas sem escala (croqui). (EF03GE04) Identificar imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representações cartográficas em tecnologias digitais distintas. (EF03GE05) Elaborar símbolos e legendas para representar diferentes elementos em representações cartográficas. (EF03GE06) Ler mapas simples que representam aspectos geográficos de Teresina.	
Divisão social e territorial do trabalho			



Natureza: meio geográfico e qualidade de vida			
---	--	--	--

Fonte: Teresina, 2018

Observa-se que, no tocante aos objetos de conhecimento, estes, apresentam uma aproximação com o “eu” do aluno. Outro aspecto relevante encontrado no documento é a possibilidade de conhecer o espaço de vivência do educando, visto que, o espaço teresinense é citado com frequência como habilidade a ser desenvolvida.

Essa ideia é corroborada por Castrogiovanni, “nos primeiros anos de escolarização deve-se trabalhar com a ideia de alfabetização espacial, incluindo-se aí a valorização do espaço e do tempo vivenciados” (CASTROGIOVANNI, 2017, p. 13). Sobre o conceito de paisagem, este encontra-se previsto em todos os anos escolares (1º ao 5º ano), apresentando-se associado ao espaço teresinense.

Outro ponto relevante refere-se aos recursos didáticos possivelmente utilizáveis no ensino de Geografia. Mesmo não havendo, no quadro de habilidades, um campo destinado a esse aspecto, ao propor os objetos de conhecimento, foi citado o desenho como recurso utilizável para representar as paisagens teresinenses, além do uso de imagens e mapas. As habilidades de conhecer, identificar, discutir, elaborar, reconhecer, observar, produzir, descrever, comparar, classificar, ler e utilizar, são encontradas no referido quadro de habilidades, com evidências para a observação do nível de desenvolvimento do educando e possibilitando a retomada de conteúdos no processo de construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o Currículo de Geografia de Teresina, observou-se que este encontra-se bem elaborado e coadunado à BNCC (2017), com organização similar a este documento. Como aporte teórico, para a elaboração do documento foram utilizados pesquisadores referência no campo do ensino de Geografia, como Callai (2001; 2014) e Cavalcanti (2010). O documento aponta as teorias construtivistas de Piaget, Vygotsky e a Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, entretanto, não foram realizadas discussões mais aprofundadas sobre essas teorias.

Foram encontradas no documento evidências de concepções de ensino e de Geografia que apontam para uma educação transformadora, que leve o aluno a realizar a leitura do mundo a partir do estudo do conceito de paisagem, posto que, este encontra-se previsto em todos os



anos escolares. Nesse contexto, o referido conceito relaciona-se ao espaço teresinense, apresentando-se como uma possibilidade de entendimento do mundo vivido pelos educandos.

Foi relatado a previsão de formação continuada dos professores, o que seria basilar para uma prática pedagógica autônoma e na perspectiva de uma formação cidadã dos educandos, mas os anos iniciais não foram mencionados nessa ação,. Mediante a essa constatação, a questão que se coloca e que pode, posteriormente ser objeto de estudo é, como de fato, é ensinada a Geografia e o conceito de paisagem nos Anos Iniciais, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Teresina, no sentido de formar cidadãos críticos conscientes?

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 23 set. 2021.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**. São Paulo, n. 16, p. 133-152. 2001.

_____. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, v.25. n. 66, p. 227-247, 2005.

_____. Estudar a paisagem para aprender Geografia. *In La opacidad del paisaje: formas, imágenes y tempos educativos / Marcelo Garrido Pereira, (compilador).* – Porto Alegre : Imprensa Livre, 2013. p.37 a 55.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 12. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. p.71-114.

_____. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, v. 70, p. 9-30, 2018.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. A apreensão e compreensão do espaço geográfico. *In CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 12. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. p.71-114.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

GIROTTI, Eduardo Donizeti. Ensino de Geografia e raciocínio geográfico: as contribuições de Pistrak para a superação da dicotomia curricular. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v.5, n. 9, p. 71-86, 2015.



LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: Espaço e tempo desacostumados.** Porto Alegre: Mediação, 2018.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch; MASCARENHAS, Jane Nunes. A paisagem no mundo da criança: considerações acerca do ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 12, n. 2, p. 73-90, jul/dez.2016.

QUEIROZ, Fabiana Rodrigues Oliveira. A linguagem do desenho e o conceito de paisagem no ensino de Geografia com crianças escolares. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA: POLÍTICAS, LINGUAGENS E TRAJETÓRIAS, 14, 2019, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019. p. 2135-2145.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia.** 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos avançados**, 32 (93), 2018.

TERESINA. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo de Teresina: ensino fundamental, componente curricular: Geografia.** Teresina: UPJ Produções, 2018.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educ. soc.**, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007.